

A religiosidade juvenil no horizonte da Pós-modernidade: Um estudo sobre as transformações regionais

Edinaldo Enoque Silva Junior *

Resumo

Pelas transformações que se avolumam na atual conjuntura social, somos lançados a tentar compreender o que se passa com o ser humano e com seus sistemas simbólicos de subjetivação. Os referenciais de verdade, as chamadas metanarrativas (moral, religião, ética, estética, etc.) sofrem profundas transformações. Transformações no interior da sociedade sempre ocorreram desde que o homem existe, porém a velocidade e a amplitude que essas transformações acontecem é que causa embaraços. A esse novo arvorecer da humanidade tende-se chamar Pós-Modernidade, e é sobre esse assunto que pretendemos debruçar. Este trabalho pretende analisar a relação religiosa dos jovens no Oeste de Santa Catarina. Devido à colonização do Oeste de Santa Catarina ter sido alicerçada no tripé Deus, Família e Escola pretendemos responder perguntas, como: Como os jovens encaram a religião? Qual é a concepção de Deus para esses jovens? Acreditam em céu, inferno ou pecado? Qual foi a relação religiosa dos seus pais? Qual é a forma de se relacionar com o sagrado que utilizam? Se utilizam? Será que acreditam numa moral ou ética fora do âmbito religioso? Tentando responder essas perguntas entrevistamos 10 jovens na faixa etária de 18 anos nascidos e criados na região. Ao observarmos a religiosidade dessa juventude e saber se a fé, a prática religiosa dessa nova geração mantêm-se como seus pais ou se o universo pioneiro sofre fissuras ou reinterpretções, concluímos que o universo religioso tradicional encara ressignificações pontuais nas práticas religiosas pelos mais novos. Palavras-chave: Pós-modernidade. Religião. Jovens.

1 INTRODUÇÃO

Os reflexos da globalização e da pós-modernidade perpassam por muitos âmbitos da sociedade. A ocidentalização do mundo juntamente

* Pesquisador, Graduado em História pela Universidade do Oeste de Santa Catarina, especialista em Ciências Sociais. Professor de História, Filosofia e Sociologia no Colégio Jesus Maria José, Rua La Salle, 2570 - SC - 89900-000; enoquesmo@hotmail.com

com a entrada maciça dos símbolos midiáticos nas mais diversas sociedades espalhadas pelo globo atingem diretamente seu *status quo*, e os lançam nos turbilhões fluídos das incertezas contemporâneas. Todavia, a pós-modernidade não mostra caminhos ela os desconstrói, não firma metanarrativas, mas adora destrocá-las, e, assim, o homem moderno calcado em princípios seculares de verdades absolutas fica sem chão, sem bases sustentáveis de afirmações plausíveis; a única verdade que surge é essa: “não existe verdade absoluta.”

Os jovens parecem ser os que menos sofrem com essas vicissitudes paradigmáticas, pois já nascem num mundo em transformação e se adaptam fácil à vultuosidade de mudanças em curtos espaços de tempo, todavia, questões de ordem ética e moral sempre são consideradas quando sabemos que as grandes narrativas se findam.

Desse modo algumas questões surgem: Como os jovens encaram a religião? Qual é a concepção de Deus para esses jovens? Acreditam em céu, inferno ou pecado? Qual é a forma de se relacionar com o sagrado que utilizam? Será que acreditam numa moral ou ética fora do âmbito religioso?

O presente trabalho tenta compreender a questão da religiosidade contemporânea no âmbito da atual juventude do Oeste catarinense observando os processos globalizadores, mas tentando não perder de vista o passado regional.

2 PÓS-MODERNIDADE E A CRISE DOS VALORES

A globalização da economia mundial juntamente com a ascensão dos meios de comunicação de massa e as desconstruções levantadas por filósofos, sociólogos e historiadores descortinam um novo momento histórico, momento esse que tende a romper provisória ou completamente os paradigmas que sobreviveram incólumes por séculos.

Tais paradigmas segundo esses teóricos eram os que nortearam a humanidade por longo tempo, alguns milenares, como a religião e outros mais recentes, como a ciência. A esse momento histórico alguns pensadores, como Bauman (1998), Morin (1993), Lyotard (2006), Anderson (1999) denominaram de Pós-modernidade; Giddens (1991), por exemplo, caracteriza-o como Modernidade Tardia. Os nomes mudam de acordo com cada autor, no entanto, a abordagem que esses autores discutem gira em torno da crise dos referenciais de verdade e a ruptura com as grandes narrativas, entre elas a metafísica.

Segundo Rorty (1994, p. 97):

A pós-modernidade consistirá, sobretudo, em abandonar a pretensão metafísica exigida das relações da razão humana com a natureza das coisas. Essa crítica implica a negação da possibilidade de uma compreensão platônica da realidade, entendida como a relação entre as idéias e as palavras ou enunciados sobre essa realidade. Já não se pode recorrer a fundamentos ou metanarrativas. Em lugar dos fundamentos e das metanarrativas, agora se postula o conhecimento "contextual", "pragmático", "funcional" e "relativista". Dessa perspectiva, é fácil compreender porque os pós-modernos optam pelo pluralismo e o relativismo, em que a verdade se torna "aquilo que é vantajoso crer".

O processo de globalização, partindo dos grandes centros de produção, sejam essas produções científicas, sociais ou teóricas, alcançam os quatro cantos do mundo numa velocidade jamais vista. Desse modo, os descobrimentos e as ideias cobrem o globo quase que instantaneamente. Logo, tende-se a generalizar que a difusão das manifestações de certas sociedades centrais são copiadas e absorvidas por uma grande parcela das pessoas. Assim, os meios de comunicação de massa com suas imagens e simbolismos difundem comportamentos, crenças e mensagens a lugares inimagináveis.

O *mass media* e seus anúncios, seus programas e seus produtos tendem a generalizar práticas e conceitos, tendem a dividir e subverter práticas tradicionais e, como alguns anunciam (IANNI, 2007), gradativamente transformar o mundo numa grande aldeia global, baseada em práticas, consumo e discussões comuns a tudo e a todos.

No âmbito da subjetividade, da formação do sujeito e suas representações, a pós-modernidade rompe com paradigmas e nos lança a turbilhões de incertezas. Novas descobertas absorvem o sujeito desgarrado de imperativos tradicionais, que formaram, por exemplo, a religiosidade, a moral e a estética.

Os valores morais que nortearam a formação da sociedade ocidental tendem a ser eclipsados. Essa é a postura de alguns analistas sociais ao relacionar o individualismo capitalista com os processos cada vez mais velozes das multimídias:

As profundas mutações culturais, políticas, econômicas e sociais que caracterizam a chamada era das infosociedades globais converteram as mídias em agentes de difusão de discursos legitimadores da ideologia no mundo sem fronteiras. Elas irradiam fluxos dinâmicos de informação e de entretenimento, e padrões de consumo que se universalizam. Mais do que em qualquer época, os aparatos de veiculação conformam-se como dispositivos tecnológicos de construção e, notadamente, de conservação de hegemônias. São de fato, máquinas. (MORAES, 1997, p. 12).

Mas, *grosso modo*, observamos em contrapartida, de maneira empírica, que muitos jovens estão realmente devotados às questões religiosas ao mesmo tempo que estão ligados no mundo em rede. Não obstante às críticas sustentadas igualmente por outros jovens que criticam essa prática como sem fundamento científico, a juventude está sim, se não direta, mas indiretamente ligada à religiosidade.

A difusão dos meios de comunicação de massa, a internet e outros recursos audiovisuais proporcionaram na população mundial a ligação entre os quatro cantos do globo. Desse modo, não é difícil saber as práticas econômicas, sociais, religiosas ou educacionais em lugares remotos, como a Ilha de Páscoa, no Pacífico, por exemplo. Assim, homens e mulheres do mundo inteiro encontram nas práticas exóticas novas formas de subjetivação e conseguem uma nova relação com o mundo e consigo mesmos.

Partindo do local para o global e vice-versa, temos como novo paradigma existencial o mundo, que agora cabe em nossas mãos, mas ao mesmo tempo o seu peso, quando não é mais permitido fingir que não estamos diretamente envolvidos com suas metamorfoses e transformações:

Uma das características distintivas da modernidade é uma interconexão crescente entre os dois extremos da "extensionalidade" e da "Intencionalidade": de um lado influências globalizantes e, de outro, disposições pessoais. Quanto mais a tradição perde terreno, e quanto mais reconstitui-se a vida cotidiana em termos da interação dialética entre o local e o global, mais os indivíduos vêem-se forçados a negociar opções de estilos de vida em meio a uma série de possibilidades. O planejamento da vida organizada reflexivamente torna-se característica fundamental da estruturação da auto-identidade. (CASTELLS, 2002, p. 27).

3 DO GLOBAL PARA O LOCAL: A CONSTRUÇÃO DO OESTE CATARINENSE E A FORMAÇÃO DO SUJEITO PIONEIRO

A ocupação dos municípios em estudo aconteceu na terceira década do século XX, quando as companhias colonizadoras fragmentaram o território até então sem fronteiras e passaram a agir sobre parcelas desse. Em meio aos povos nativos, levantaram-se, por meio de um esforço contínuo, novas comunidades de colonos, atraídos pela intensa propaganda das colonizadoras. Toda a região passou a ser integrada aos interesses capitalistas, mediante a criação de frentes agrícolas que transformaram, paulatinamente, o espaço natural.

O universo pioneiro do Oeste de Santa Catarina foi pautado no tripé Deus, Família e Educação. Foram esses os elementos balizadores da conduta e do dia a dia dos novos habitantes que compunham as frentes colonizadoras do Oeste de Santa Catarina.

O papel de guardião da ordem geral foi assumido pela Igreja que, a partir de uma ampla rede de associações espalhadas na colonização, exerceu a tutela administrativa e agrupou os migrantes em comunidades rurais, cujo micropoder das lideranças afinadas com o projeto católico, incessantemente, circunscrevia os limites devidos a cada um dos seus componentes. A Igreja se constituiu numa força centrífuga e monopolista dos modelos e das verdades por meio da coerção, pois, por meio de diferentes mecanismos, exercia uma pressão contínua e uniforme sobre os "pioneiros", impondo assim o "bem e o mal", o "verdadeiro e o falso" e o "lícito e o ilícito".

Os escassos meios de comunicação do universo pioneiro contribuíram para que a Igreja norteasse a conduta e a moral dos colonizadores. Os interesses religiosos se conectaram e reforçaram-se reciprocamente, adquirindo força irresistível. No "Reino Colonial", o pioneiro fez parte de um corpo social único: controlado, vigiado e interdito, concretizando a ideia nietzschiana (2003, p. 103) de que, "em toda moral, o essencial e inestimável é o fato de ela ser uma longa imposição."

A singularidade da região foi o caráter oficial da segregação racial e confessional; o poder pastoral em detrimento do estatal; os limites e as fronteiras cerradas do seu mundo; a falta de oxigenação cultural com novos valores e concepções de mundo; o reduzido número de pessoas que tomaram decisões estratégicas, além de práticas coletivas altruístas que dão impressão de uma história circular.

3.1 O PODER DA FAMÍLIA

No isolamento da vida pioneira, a transmissão da cultura e dos saberes passava pelo tripé Família, Escola e Igreja. Sem parâmetros exógenos, as instâncias da família, escola e religião transmitiram os valores e os ideais da cultura. Assim, o mundo, limitado e restrito, limitou possibilidades e serviu como ponto de estrangulamento, e gerações inteiras foram educadas e submetidas ao mundo inexorável de minorias pensantes. O mundo das crianças na primeira infância, numa frente de colonização, restringia-se à família patriarcal. O modesto círculo familiar se resumia a um cenário onde a imaginação era incitada principalmente para a luta pela sobrevivência em meio à hostilidade do espaço natural.

Um “corpus” de crenças e princípios foi edificado no imaginário dos filhos. A preocupação moral e educativa para com a criança exprimia a consciência da fraqueza do mundo infantil. Princípios e virtudes desejáveis para a vida privada foram, dessa forma, introjetados em cada um dos elementos da família. Na família, aprendiam-se os deveres e as regras a partir da prática dos irmãos mais velhos. Os mesmos enunciados são repetidos, palavras e práticas não entram em desuso e determinados assuntos são proibidos. Durkheim (1995) enfatiza que certas maneiras de agir ou pensar adquirem, em virtude da repetição, uma espécie de consistência.

Na genealogia dos valores o papel educativo dos pais teve importância máxima. O discurso se pautava em construir por intermédio da família os alicerces firmes e inquebrantáveis que, inequivocamente, sustentariam a vida social da colonização oestina. A educação familiar afirmou um arcabouço de valores e princípios que se introjetaram em níveis profundos.

A objetividade de uma educação rígida e patriarcal interditaram as múltiplas possibilidades que a floravam na subjetividade infantil. A curiosidade impulsiva e aguda colidiam com os valores da família nuclear. Assim, os pensamentos inquietantes eram sempre contidos dentro da submissa curiosidade de jovem, cheia de autodomínios. Os pais apontavam perigos opacos ou imperceptíveis que as crianças não vislumbravam.

A inexistência de um debate familiar, com a rigidez das expressões faciais, os pais decidiam o destino da família. Com medo de ser recriminado por fazer perguntas inoportunas, as crianças silenciavam.

3.2 A ESCOLA

O modelo escolar da região em estudo foi pensado e aplicado pelos jesuítas e o professor, este criteriosamente mapeado pela comunidade e pela igreja. Exigiam-se mestres com responsabilidade moral. Ser professor tratava-se de uma missão nobre, pois era investido de poderes de correção e punição. Com extensas funções sociais na comunidade, em última análise também era responsável pelo comportamento de seus alunos fora da sala de aula. “Esses educadores eram responsáveis pela alma dos alunos [...] isso envolvia a salvação da alma das crianças, pelas quais eles eram responsáveis perante Deus”, afirma Plilippe Ariès (1981, p. 117), ao referir-se às escolas confessionais.

No isolamento da vida pioneira, a vida comunitária e a escola eram os únicos parâmetros exógenos ou outras miragens. Submetidos a uma existência limitada, a escola se constituía em aberturas de pequenas ja-

nelas por onde se tornava possível captar detalhes, convenções e códigos sociais de outros espaços. Muitos completavam o ensino primário e ainda não dominavam a leitura e o abecedário. O fato era sempre atribuído à falta de capacidade e inteligência do educando.

O ensino da religião ocupava lugar estratégico no currículo escolar. A escola, era na verdade um prolongamento da igreja, dada sua importância em relação à formação moral e cristã dos alunos. Nos intervalos e momentos de descontração, alunos eram orientados a sacrificar e renunciar com suma força de vontade a qualquer conversação mundana.

Durkheim (1995, p. 8) descreve a imposição de valores afirmando que:

[...] crenças e práticas que nos são transmitidas já fabricadas pela gerações anteriores; se as recebemos e adotamos é porque, sendo ao mesmo tempo obra coletiva [...] estão revestidas de autoridade particular que a educação nos ensinou a reconhecer e a respeitar.

Figuras ou expressões consideradas pecaminosas eram veementemente recriminadas. Utilizava-se como exemplos de degenerescência e de um mundo profano e inseguro que deveria ser evitado.

Até a década de 1970, os recursos naturais da região viabilizaram um modelo de desenvolvimento econômico de reduzida orientação para o mercado. A existência de mata nativa e a boa fertilidade natural do solo propiciaram ao migrante uma relativa autonomia e autossuficiência. A família, como unidade organizadora do processo produtivo, executava todas as operações relativas à produção: seleção de sementes, plantio, colheita, transporte, estocagem e escambo (esporadicamente, a venda).

A partir da Revolução Verde (década de 1960 e 1970), o espaço regional tornou-se mais aberto e interdependente. A interação cultural e econômica transformou o espaço fechado num espaço muito mais interdependente. A entrada mais agressiva do capitalismo destituiu o poder religioso e, de certa forma, os laços de solidariedade, transformando os até então membros comunitários em indivíduos. O desenvolvimento dos meios de comunicação, como o rádio e a televisão acenaram para a multiplicidade e a diversidade. Assim, o espaço regional passou a sofrer as conseqüências da fluidez, da hiperespecialização e da rapidez da modernidade.

À medida que o espaço regional se tornou mais aberto e interdependente, as mudanças aconteceram de forma muito rápida. O desenvolvimento dos meios de comunicação, a interação com outros espaços, a preocupação do Estado e, ainda, o fascínio do capital (agroindústrias) pela

região na qual pudesse espalhar seus interesses implantaram a denominada modernidade tecnológica.

A interação cultural e econômica transformou o espaço engessado e fechado. A entrada mais agressiva do capitalismo destituiu o poder religioso e os laços de solidariedade que soldavam até então o tecido social.

4 DO LOCAL PARA O GLOBAL: AS TRANSFORMAÇÕES MODERNIZANTES NO UNIVERSO PIONEIRO DO OESTE CATARINENSE

4.1 O ESPAÇO SE MODERNIZA

Na verdade, alguns autores têm acreditado que o desaparecimento progressivo das influências da religião na vida social – que pode ser associado aos processos de industrialização, racionalização, urbanização e diferenciação social – provocou uma crise de sentido especificamente moderna, ou uma crise na eficácia do vínculo social, que só poderia ser aliviada adequadamente por meio da criação ou do surgimento de algum complexo novo de significados, ou *morale*. Assim, acredita-se muitas vezes que o declínio da religião e a corrosão de suas bases institucionais na sociedade teriam deixado um vácuo atrás de si, com efeitos nocivos tanto para o indivíduo como para a sociedade. Para alguns autores, porém, a dissipação da religião em inúmeros complexos significativos quase-religiosos e não-religiosos – que oferecem aos indivíduos o conhecimento para ajudar a enfrentar as questões existenciais persistentes, relativas ao sentido último da vida, o sagrado o nascimento, a morte, a sexualidade e assim por diante – simplesmente tornou a religião invisível. (FEATHERSTONE, 1995, p. 158).

Partindo da ideia de que os novos processos midiáticos e informacionais surgidos com maior propulsão a partir dos anos 1970 têm influenciado nas mudanças comportamentais, e em uma nova concepção de sujeito que como dissemos, é caracterizada de pós-moderna, e considerando que entre uma das fortes características dessa nova estrutura social é a supressão, ou melhor, uma desconstrução quase que completa dos elementos religiosos que compõem a atual sociedade, tentou-se analisar se realmente a religiosidade, mesmo em uma sociedade como a do Oeste de Santa Catarina, que foi, como transcrevemos, alicerçada desde seu início numa forte base cristã, ruiu com a crise da modernidade e o nascimento da Pós-Modernidade.

Para isso, entrevistamos 10 jovens¹ com faixa etária média de 18 anos de uma escola do Município de São Miguel do Oeste, com o intuito

de saber sobre sua prática religiosa, sobre sua relação com o sagrado, sobre sua formação religiosa, etc.

Em pesquisa anterior² construímos um itinerário a respeito influência dos meios de comunicação de massa e da economia na transformação cultural do universo pioneiro, e como conclusão observamos que o universo pioneiro fechado em si mesmo, sofre na década de 1970 um eclipse oriundo da entrada mais massiva dos meios de comunicação e do capitalismo internacional com a produção suína, leiteira e avícola. Os laços de reciprocidade e altruísmo foram largamente desestimulados pela competição proveniente da meta estabelecida pelas agroindústrias.

Agora objetivamos compreender os efeitos dessas transformações na religiosidade dos jovens e entender se a identidade construída desde o processo colonizador pautada na religiosidade de cunho católico confessional sofre alterações.

Abordar o fenômeno religioso na pós-modernidade é tocar numa questão complexa e que se reveste de maior complexidade à medida que enfocamos os aspectos mais subjetivos dessa nova religiosidade. Diante da enorme diversidade verificada no fenômeno religioso atual, e das constantes transformações ocorridas em seu interior, uma vez que promove uma troca constante de ideias, ritos, símbolos e doutrinas, levadas de um lado para outro pela mídia, o que torna quase impossível atualmente se dizer com segurança quais elementos pertencem originariamente ou não a determinados grupos religiosos. O que temos como marca desse fenômeno é a diversidade, a heterogeneidade e a metamorfose. Além do misticismo, do hibridismo religioso e do pragmatismo (as coisas valem enquanto funcionam).

As novas concepções de Deus na pós-modernidade vão muito além daquelas estabelecidas pelas religiões monoteístas que colonizaram e subordinaram grande parte das nações do mundo em tempos idos, Segundo um dos entrevistados (A)³: "Deus passa a ser uma mistura de natureza, de sujeito e até de mim mesmo. Deus é tudo é nosso pai, deus é vida, deus é morte, deus é terra é o mar. Para mim Deus está em todas as coisas e lugares." (informação verbal).

A interioridade de Deus no sujeito pós-moderno independe de bases doutrinárias seguras, a subjetivação religiosa é, sobretudo, o resultado do relacionamento e do contato que o sujeito tem com as religiões e práticas religiosas que adentram no seu cotidiano por meio de livros, de programas e pessoas em que acreditam.

Segundo Libanio (2003, p. 148):

Essa interioridade do ser humano opõe-se a uma exterioridade objetiva, dada nela mesma, com seu sentido próprio e independente dela. Percebe-se mais como sujeito que se constrói em relação com o mundo exterior, dando-lhe significado, interpretando-o atribuindo-lhe valores. A subjetividade como sujeito de significados, de valores, de interpretação e de visões desafia uma fé que parece, à primeira vista, acatar um dado objetivo imposto pela revelação com sentido e realidade anteriormente definidos.

A religião católica que foi a norteadora do processo colonizador do Oeste catarinense perde, para as novas gerações, seu aspecto de religião base na formação religiosa e de fé. No entanto, quando perguntados se foram à catequese, crisma e primeira comunhão todos responderam positivamente: “Frequentava a igreja, mas não ia todas as semanas, fiz catequese, crisma e primeira comunhão, por ser uma etapa que católicos passam, mas não por obrigação e sim por vontade própria”, responde (B). (informação verbal).

É interessante notar que todos os jovens quando questionados sobre sua participação nas missas responderam-na no passado, (frequentava, ia, assistia). Isso se deve, sobretudo, à prática religiosa dos seus pais que ainda mantêm uma relação direta com a Igreja. Segundo (C): “Eu realmente acredito ser desnecessário ir até a igreja para rezar, acho que a fé está em cada um, não em um local. E meus pais discutem comigo, acham que deveria ir muito mais.” (informação verbal).

Segundo Freud (1996), há razões que são contraditórias entre si, mas necessárias para a manutenção da religião e da prática religiosa:

Quando indagamos em que se funda sua reivindicação a ser acreditada (a Religião), deparamo-nos com três respostas, que se harmonizam de modo excepcionalmente mau umas com as outras. Em primeiro lugar, os ensinamentos merecem ser acreditados porque já o eram por nossos primitivos antepassados; em segundo, possuímos provas que nos foram transmitidas desde esses mesmos tempos primevos; em terceiro, é totalmente proibido levantar a questão de sua autenticidade. Em épocas anteriores, uma tal presunção era punida com os mais severos castigos, e ainda hoje a sociedade olha com desconfiança para qualquer tentativa de levantar novamente a questão. (FREUD, 1996, p. 93).

Contudo, o que observamos entre nossos entrevistados e no discurso religioso atual é a superação dessa reivindicação por uma gama considerável de pessoas, mas que, mesmo assim, continuam alimentando seus espíritos com práticas religiosas, pois acreditam numa força externa superior. Assim afirma (E): “Acredito que minhas concepções é uma mis-

tura, tenho família católica, acredito no espiritismo e sou simpatizante do budismo.” (informação verbal).

O núcleo familiar é destituído de sua função histórica de lançar “nortes e referências” aos filhos ali nascidos. Não é mais um lugar de empatia, identificação e de projeção de vidas. Balandier (1997, p. 265) afirma que “A modernidade é produtora de amnésia, apaga as referências e oculta os ancoradouros do passado, abole para dar lugar ao novo e ao inédito, e valoriza o efêmero em detrimento do durável.”

(D), por exemplo, deixa claro essa posição quando rompe com a tradição religiosa da família: “Quando parei de frequentar a Igreja acharam que seria momentâneo depois se sentiram mais incomodados e me atacaram com discursos prontos, mas hoje, respeitam minha decisão. [...] Entendo que não é a religião, mas sim alguns valores que a maioria delas pregam (em tese, pois na prática divergem) são bons como o amor e o respeito ao próximo.” (informação verbal).

O que podemos observar das argumentações dos entrevistados é uma relação independente com o sagrado, a ausência de prática religiosa específica e o respeito por alguns valores da tradição católica da qual foram formados. Quando crianças frequentaram a catequese, a crisma e a primeira comunhão. Desligaram-se parcialmente da prática católica, mas a fé em Deus segundo argumentam permanece incólume. “(F) Acredito Nele, e que as coisas boas que nos acontecem são como uma recompensa que Deus nos dá por coisas boas que fizemos, e os castigos são pelas coisas ruins. Deus é um ser superior, no qual creio, aquele que para a religião criou o mundo.” (informação verbal).

Na atual conjuntura regional onde os meios multimídias, internet, celulares, televisores e rádios são uma realidade no dia a dia de jovens e adultos, há a preocupação da ruptura com as identidades regionais e com a crise pós-moderna caracterizada pela ruptura da metafísica. A bricolagem religiosa, no entanto, mostra que a complexidade do assunto vai muito além de uma simples generalização sobre o fim ou não do praticar religioso. O acesso ilimitado a informações diversas de lugares diversos convergem para a formação de uma relação religiosa no mínimo inédita na sociedade contemporânea.

Quando perguntado sobre a influência de outras práticas religiosas (G) complementa:

Sim, minha relação religiosa permeia por várias religiões, leio livros sobre o assunto e as ideias espíritas e budistas regem minha forma de pensar e expressar minha fé. Porém, nenhuma é exatamente o que penso sobre Deus e suas interferências sobre minha vida. Cada uma possui

um Deus diferente, uma maneira diferente de acreditar no seu poder, e eu as utilizo para criar um Deus próprio. (informação verbal).

Os jovens entrevistados demonstraram grande preocupação com a religiosidade como um todo e confirmando as expectativas dos cientistas sociais quando argumentam sobre a diversidade religiosa e o trânsito de diversas vertentes e concepções num mesmo sujeito. "(H) Exercito minha fé diariamente, mesmo não possuindo religião ou participando de cultos em igrejas." (informação verbal).

A Pós-modernidade tem como referência a efemeridade e, desse modo, novas pesquisas caberão sobre o mesmo assunto abordado para comprovar realmente a fluidez desse mundo que se nos apresenta cada vez mais incerto e confuso.

Todavia, pesquisadores ainda não chegaram a uma conclusão, por mais que pesquisem a respeito, sobre os produtos da pós-modernidade. E, desse modo, temos de estar constantemente alertas e tentar compreender a metamorfose que é a atual conjuntura social.

5 CONCLUSÃO

A colonização do Oeste de Santa Catarina, em virtude de sua maneira singular de constituição, foi desde a segunda década do século XX o resultado de pioneiras frentes colonizadoras do Rio Grande do Sul. Pautada no tripé Deus, Família e Escola o pioneiro é orientado a constituir uma comunidade altruísta, abnegada e disciplinada para a manutenção do bem comum. Exógena por natureza manteve-se até meados do mesmo século fechada e sem oxigenação.

A década de 1970 caracteriza-se como um marco simbólico para a ruptura desse universo, quando da entrada mais agressiva do capital estrangeiro e dos meios de comunicação de massa. A barreira imunológica rompe-se e a região organiza-se para o mercado competitivo do leite, suíno e aves. A religiosidade perde seu caráter de guardião do meio colonial e torna-se à sua função original de evangelizar as pessoas.

Mesmo adentrando no universo tido pós-moderno caracterizado pela crise das grandes narrativas, pela não aceitação de verdades absolutas e pela crítica ao catolicismo oficial, os jovens possuem um vínculo de fé para com o sagrado. Caracterizando por diversos nomes, como energia,

cosmos, natureza, há uma postura bem nítida quanto à valorização desses elementos como gerador e organizador do mundo e de suas vidas.

O desejo de constituírem uma espécie de mosaico religioso é compreendido pelo aspecto da própria contemporaneidade e seus processos televisivos e midiáticos, que celebram a diversidade e o sincretismo.

Desse modo, observamos nos jovens pesquisados essa postura multifacetada de religiões cruzando, por exemplo, aspectos do budismo, hinduísmo e espiritismo. Pode-se notar nessa característica peculiar de organização simbólica do sagrado uma influência deveras grande dos meios de comunicação que nos últimos anos têm apresentado uma quantidade razoável de programas, novelas, documentários, onde as religiões orientais têm sido observadas com admiração.

O desencanto do mundo, segundo Weber, sobre a influência da tecnologia sobre a sociedade parece ainda não ter atingido esses jovens que buscam alívio e força em algo superior, caracterizado pela fé e busca em Deus e utilizam-se dos meios tecnológicos em grande quantidade.

Contudo, devemos continuar observando o processo de modernização regional e da influência dos elementos e práticas exógenas que direta e/ou indiretamente têm influenciado no comportamento dos jovens da região, e procurar entender se a tão chamada aldeia global não está caminhando em nossa direção.

***The youth religiosity on the horizon of post-modernity:
A study of regional transformations***

Abstract

The transformations that have been accumulating at this juncture, we are thrown into trying to understand what is happening with humans and with their symbolic systems of subjectivity. This framework actually calls meta-narratives (moral, religion, ethics, aesthetics, etc.) Undergo profound changes. Changes within society ever occurred since man is, however, the speed and magnitude that these changes occur is causing embarrassment. In this new arvorecer of humanity tends to call post-modern, and it is on this that we want to address. The post-modern term that appears in the mid-twentieth century include not only matters of human sciences, but also and with equal importance to architecture, art, cinema, etc. This work analyzes the relationship of religious people in the West of Santa Catarina, in order that the breach is a metaphysics of the cornerstones of this distinctive new season. Because colonization of the West

of Santa Catarina have been grounded in the triple God, Family and School intend to answer questions like: How do young people perceive religion? What is the conception of God to these people? They believe in heaven, hell or sin? What was the relationship of religion of their parents? What is the way to relate to the sacred use? If you use? Do they believe in a moral or ethical outside religious? Trying to answer these questions we interviewed 10 young people aged 18 years born and raised in the region. We will try to see how practice goes this religious youth and whether the faith, religious practice of this new generation continues to be their parents or religious practices of the universe pioneer suffer cracks or reinterpretations.

Keywords: Post-modernity. Religion. Youth.

Notas explicativas

¹ Os jovens participantes da pesquisa são alunos de uma escola da região que cursam o 3º ano do Ensino Médio, escolhidos aleatoriamente de uma lista de 30 alunos. Todos os alunos participaram espontaneamente respondendo a questões semiestruturadas e abertas.

² A pesquisa *O poder econômico e midiático na mudança do padrão cultural* em processo de conclusão teve como principal objetivo analisar as influências dos meios de comunicação de massa juntamente com a economia na mudança dos padrões culturais, mas, mais especificamente, do Oeste catarinense.

³ Utilizamos como método de identificação dos entrevistados as letras do alfabeto com o intuito de preservar sua identidade.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BAUMANN, Zigmunn. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama e Cláudia M. Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BALANDIER, Georges. **A desordem**: elogio do movimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade cultura. São Paulo: Paz e Terra 1999.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

IANNI, Octávio. **A era do globalismo**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

MORAES, Dênis de. **Globalização Mídia e Cultura Contemporânea: A dialética das mídias globais**. Campo Grande: Letra Livre, 1997.

MORIN, Edgar. **O Método 5: A Humanidade da Humanidade, a identidade humana**. 2. ed. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. **Para Além do Bem e do Mal**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

RORTY, Richard. **A filosofia e o espelho da natureza**. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994. 386 p.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2004. 230 p.

Recebido em 27 de junho de 2012

Aceito em 21 de agosto de 2012

